



RESENHA

STANDING, Guy. **O precarizado**. A nova classe perigosa. Tradução: Cristina Antunes. 1. ed. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Silvio Kanner P. Farias – Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofias e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: silviokanner@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, verifica-se um revigoramento da sociologia do trabalho. Mudanças importantes ocorreram no mundo do trabalho nos últimos anos em âmbito global, com destaque para o surgimento de novos setores e/ou grupos de trabalhadores. Há um grande consenso relativamente ao movimento geral de precarização que marca o mundo do trabalho, mas pouco acordo sobre como definir os novos contingentes de trabalhadores e sobre quais seriam suas perspectivas políticas.

Uma das posições mais marcantes desse debate está expressa no trabalho de Guy Standing¹, sendo que este livro, especificamente, contém os elementos mais relevantes do seu pensamento sobre o mundo do trabalho. O objetivo desta resenha é apreender o pensamento deste importante autor sobre a atualidade do trabalho, discutir seu conceito de precariado e estabelecer um diálogo crítico com suas proposições teóricas.

“O precariado – a nova classe perigosa” é um livro interessante e instigante. Seu objeto é o mundo do trabalho contemporâneo em escala mundial e seu eixo conceitual é a categoria precariado, entendida como uma nova classe social típica da sociedade terciária de mercado global. Tal sociedade teria surgido em lugar da “velha” sociedade industrial, cuja classe trabalhadora típica fora,

¹ O inglês Guy Standing atualmente é professor de Desenvolvimento na Escola de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres. Foi também professor de Segurança Econômica na Universidade de Bath, Economia do Trabalho na Universidade de Monash em Melbourne e diretor da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

segundo Standing, a classe operária industrial, referida no texto também como assalariados. O surgimento do precariado seria o resultado das transformações globais ocorridas nos últimos trinta anos, principalmente durante a “era da globalização”. O precariado é a classe do mercado de trabalho global. Sua ampliação em termos quantitativos teria ocorrido após o choque financeiro de 2008, entendido como crise da própria globalização.

Para o autor, o precariado, que no sentido mais direto é um neologismo resultante da junção das palavras proletariado e precariedade é uma classe em formação, que já existe objetivamente, mas ainda desprovida de agência. Até então, não é uma “classe para si”, como diz o autor, lançando mão das palavras de Marx. Para Standing (p. 17), “o precariado ainda não formou uma agenda política ou estratégica”. O precariado é parte da nova estrutura de classes do mundo global contemporâneo, erigida como resultado da fragmentação das estruturas de classes nacionais. Para compreender esse fenômeno, entendido como novo, ainda que contenha nuances do passado, é necessário se indagar sobre os efeitos da globalização e do choque financeiro de 2008 sobre o mundo do trabalho. Além disso, é preciso construir um novo arcabouço conceitual que não deve guardar relação com os termos do período fordista.

O autor define o precariado enquanto classe a partir da posição teórica weberiana desta categoria. Classe, para Weber, relaciona-se com a posição e opções de mercado para um indivíduo ou grupo. O precariado é diferente do assalariado da sociedade industrial, por não ter relação de contrato social com o capital e o Estado. Este pacto consistia na garantia de direitos pelas empresas e pelo Estado em troca do consentimento, subordinação e eventual lealdade dos assalariados. Da mesma forma, o precariado não seria uma classe média oprimida ou ainda uma classe baixa ou mesmo classe trabalhadora baixa. O precariado é *sui generis* em termos de classe. Sua marca é a insegurança e suas reivindicações são diferentes, ou seja, seu programa é diferente. Essa abordagem do precariado como uma nova classe é polêmica, muitos autores, centralmente os marxistas, entendem que o precariado é um subtipo de proletário e a expressão de uma tendência estrutural do capitalismo contemporâneo. Consideramos, como esses autores, que a definição do precariado como uma nova classe não se sustenta teoricamente. Além disso, suas características fenomênicas podem refletir um processo centralmente europeu. Alguns autores brasileiros, notadamente Ricardo Antunes², afirmam o caráter estrutural da precariedade do trabalho no Brasil.

² ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

O termo “precariado” foi usado pela primeira vez por teóricos franceses da década de 1980 para descrever trabalhadores temporários e sazonais. O trabalho parcial é um aspecto central da realidade do precariado, mas não é suficiente para descrevê-lo. Standing então apresenta as características que patenteiam a condição do precariado. A forma, porém, de conceituação do autor é predominantemente negativa. O precariado é definido primeiro pelo que não é, pelo que ele não tem: garantias relacionadas ao trabalho. Além da completa insegurança a qual está exposto, falta, ademais, ao precariado um sentido de identidade relacionado ao trabalho e uma perspectiva de carreira. O trabalho, entendido como uma carreira foi tornado escasso na sociedade terciária globalizada. O precariado teria uma “carreira truncada”. Insegurança de vida e de trabalho são as marcas fundamentais da nova classe, como afirma Standing.

Por meio da categoria renda social, o autor define os termos da insegurança de renda do precariado. De todas as formas de renda social historicamente existentes, teria restado ao precariado apenas o salário nominal. Acrescente-se ainda que os precários estão em geral excluídos de pelo menos um dos direitos fundamentais, o que os coloca na dupla condição de precários e habitantes, sendo habitante um morador de um país excluído seja dos direitos civis, seja econômicos, políticos, sociais ou étnicos culturais.

O precariado também é marcado pelo pensamento de curto prazo, sendo que essa perspectiva de curto prazo, para o autor, pode evoluir para uma completa incapacidade de pensar em longo prazo. Tudo na vida do precariado é contingente.

No entanto, o precariado, como afirma Standing, ainda não forjou um projeto político. Em suas aulas e conferências, o autor afirma que o precariado é uma classe dividida em três partes. Os ativistas, a face militante do precariado, que luta para superar sua situação e que aparece no livro na forma de presença do precariado nas manifestações do Euro-May-Day; os saudosistas, grupo formado por refugiados e migrantes que necessitam de trabalhos precários porque vivem em um lugar estranho, cujo efeito mais agudo é a perda de um sentido de casa, de lugar de pertencimento; e o último grupo que o autor os chama de “progressistas”, vivem como se fossem alcançar um status melhor e um nível de segurança ocupacional e financeira maior. Buscam, investem e lutam, mas não há lugar para eles. Não há o que alcançar.

Há um aspecto do livro que chama mais atenção. Trata-se da relação que o autor estabelece entre essa nova configuração global do mundo do trabalho, marcada pelo surgimento e expansão do precariado e o crescimento de organizações políticas com perfil fascista ou populista. Por não ter uma plataforma política definida, e por sua própria divisão interna, o precariado

está exposto a líderes fascistas e populistas. O precariado não guarda tradições políticas. Com o precariado, em outras palavras, não faz mais sentido falar da forte relação de vínculo entre o socialismo e o proletariado. De diversas maneiras e em diferentes contextos, o precariado pode constituir uma ampla base para narrativas fascistas e populistas.

O precariado está crescendo. Mas este crescimento não é nem acidental e nem incidental. É o resultado de uma ação consciente da plutocracia mundial e constitui uma tendência estrutural do mundo globalizado. As mudanças institucionais da era da globalização explicam esse crescimento. O autor apresenta um rol bastante extenso de processos sociais, econômicos e políticos que resultam na expansão do precariado; processos estes que estão fazendo dele uma classe global.

Dentre esses fatores, pode-se destacar as entradas da China e da Índia no mercado de trabalho global. Essas economias nacionais despejaram, somando-se os países do leste Europeu que também entraram para o mundo do capital, mais de 1,5 bilhão de trabalhadores no mercado global, produzindo uma superoferta de braços e promovendo um efeito forte de crescimento do precariado. O baixo nível dos salários e dos direitos do trabalho nesses países estabelece um novo e rebaixado patamar para o mundo. O precariado também cresce com as recessões econômicas, isso ficou claro na crise de 2008. As crises são alavancas para o crescimento do precariado. São momentos que as empresas aproveitam para reduzir direitos e salários. Outros fatores que explicam o crescimento do precariado são: a mercadorização das empresas, o desmantelamento dos serviços públicos e das carreiras profissionais, a economia ilegal e o declínio da mobilidade social ascendente. A fronteira final para o precariado é o setor público.

O que se percebe, ao ler este livro, é que as organizações multilaterais de todas as áreas atuam para ampliar a oferta de força de trabalho e, dessa forma, impulsionar o crescimento do precariado num contexto de alta oferta de trabalho, tudo pensado em termos de oferta e demanda. Todos os instrumentos de políticas nacionais também são manejados para reduzir zonas de segurança e permitir a ampliação do precariado. Essa dinâmica explica a onda de flexibilização nas legislações trabalhistas nos últimos anos no mundo. O que se observa como resultado geral é uma elevação da desigualdade da renda global expressa na redução da participação dos salários no produto econômico, com a China tendo uma contribuição significativa. Isso faz da China, nas palavras de Standing (p. 37), “a grande economia mais capitalista da história”.

Depois de explicar como surge o precariado, o autor se interroga sobre quem está sob o risco de ingressar nesse grupo. Sua resposta é surpreendente:

qualquer pessoa está exposta a ser um precarizado. Porém, alguns grupos têm uma probabilidade relativamente mais alta que outros. A tendência mundial de feminização do trabalho com o fim do salário família torna as mulheres candidatas privilegiadas, assim como a mudança de eixo do emprego da indústria para os serviços. Fatores políticos, como a mudança de orientação da igualdade (entre os cidadãos) para a equidade (entre os gêneros, as raças etc.), alimentam o crescimento de um precariado de gênero. Os homens, entre eles os negros, foram os que mais perderam na crise de 2008. Essa mudança tem afetado a própria ideia de masculinidade e feminilidade. A maior juventude da história da humanidade também é presa fácil da precarização por diversas formas. A juventude constitui o núcleo do precariado. Os jovens sempre entraram no mercado de trabalho em posições desvantajosas, o que mudou é que atualmente, apesar do sacrifício e do investimento educacional, não há estabilidade à frente, não há uma recompensa no final e isso leva a nova geração de jovens a um processo de frustração de status, fenômeno que se amplia com a mercadorização e a segmentação da educação.

A juventude precária ainda guarda uma particularidade, não gosta dos sindicatos, afastou-se deles. “A juventude precária percebe os sindicatos como” representantes da “velha” classe trabalhadora fordista privilegiada, com seus empregos estáveis de tempo integral, pensão, seguro saúde, entre outros direitos. Os sindicatos não representam o precariado, mas isso não ocorre por falta de esforço dos sindicatos, eles apenas não têm como alcançar o que não é possível no contexto atual. Os sindicatos não são a forma de representação do precariado. Os precários ainda estão por forjar suas próprias organizações. Esse processo apenas agrava ainda mais os problemas de legitimidade do sindicalismo.

Os idosos constituem outra franja exposta a cair nas fileiras do precariado. As reformas nos sistemas previdenciários, que ocorreram em todos os países após a crise dos anos 1970, explicam essa condição dos idosos. Para Guy Standing, a ideia de aposentadoria e pensão que era adequada para a era industrial, não mais o é para a sociedade global de serviços. Desta forma, a deterioração da renda em virtude das mudanças nos sistemas de previdência fragiliza os idosos e os expõe ao precariado.

As pessoas identificadas com algum tipo de deficiência também são alvo. Mudanças nos sistemas de identificação e tratamento de deficiências expulsam essas pessoas do sistema de seguridade social. Uma vez no mercado de trabalho, sua “deficiência” atua como outras marcas de preconceito, como a cor da pele e o gênero, como impulsionadores da precarização. Seja por meio do trabalho prisional, seja por meio do estigma de criminoso, a população carcerária, que nunca foi tão numerosa no mundo, tornou-se também uma fonte de precários.

Porém, entre os candidatos com as piores condições de vida e os mais propensos a entrar no precariado estão os imigrantes, um imenso contingente de força de trabalho, que o autor trata em um capítulo especial.

Os imigrantes, também o maior contingente que a humanidade já viu, são a principal causa do crescimento do precariado. Um bilhão cruza as fronteiras nacionais a cada ano e o número é crescente. O autor faz uma tipologia interessante dos imigrantes, mas o fato é que onde quer que estejam, estão sujeitos às piores condições de trabalho, não entram nas estatísticas dos estados, não acessam serviços públicos, despertam a oposição e até mesmo o ódio dos moradores locais porque sua presença no mercado tem o efeito de uma enorme pressão para baixo nos salários e nos direitos em geral.

Os governos das principais economias guardam uma relação camuflada com a imigração ilegal. Condenam na retórica, falando para as bases eleitorais de seus países que veem na imigração a razão de problemas como desemprego e insegurança pública e ao mesmo tempo atuam para permiti-la de fato, seja sub-repticiamente, por omissão, seja diretamente quando sofrem pressões das empresas nesse sentido. São diversos os casos citados no livro que ilustram a real posição dos governos, pois, quando são definitivamente confrontados, sempre optam por defender as empresas que não abrem mão dos imigrantes, inclusive em detrimento da mão de obra local. “O capital dá boas-vindas à imigração, ela traz mão de obra barata e maleável”, afirma Standing (p. 159).

A imigração também se tornou uma fonte de divisas para alguns países, anualmente 328 bilhões de dólares são enviados por imigrantes aos seus países de origem. Para o autor, os imigrantes são a “infantaria ligeira do capitalismo global” (p. 173), uma espécie de “exército de reserva fantasma” (p. 143). Os imigrantes são a vítima mais visível do mercado de trabalho globalizado, os políticos populistas os condenam como vilões, mas na verdade eles querem apenas o que todos desejam, uma vida melhor.

Todas as condições que ocasionaram o surgimento e estão ocasionando o crescimento do precariado são consideradas pelo autor, na penúltima parte do livro, como uma “política do inferno”. Nesse quadro, o precariado luta para sobreviver, mas está muito vulnerável ao estigma que o autor chama de “anatematização”. Se estigmatizado, seja como “bandido de rua”, “desempregado”, “parasita”, “fracassado” etc., sua condição de vida e trabalho torna-se ainda mais difícil. O precariado vive na fronteira entre a vida normal e o estigma de desviante. Sem meios de segurança, como as políticas de assistência, previdência e saúde, o menor erro, acidente ou incidente, pode significar a desgraça completa na vida. Pode fazê-

lo tornar-se um desviante, ao invés de um lutador. Outro aspecto dessa política é a ostensividade inédita dos métodos de controlar o trabalho do precariado.

A sociedade de mercado global ampliou os mecanismos de vigilância no sentido da “sociedade panóptica”, o que levou o autor a propor o termo “shenzenismo” (p.202) como expressão do modo de organização do trabalho nas fábricas do *Foxconn Group*, na região de Shenzhen, na China, que têm adotado um novo aparato tecnológico de vigilância e controle.

Para fortalecer a posição do capital e estando moralmente justificado pelos preconceitos contra os desviantes, o Estado está alterando o conteúdo das políticas de assistência social, de forma que os benefícios se tornam tão pouco atraentes que as pessoas preferem aceitar qualquer tipo de trabalho. As políticas então mudaram de sentido, os critérios de acesso (cada vez mais rígidos) passaram a compor o principal de seu conteúdo, são agora denominadas de “workfare” ou de “condicionalidade”. O que está por trás dessas políticas é a ideia de que cada situação desviante é uma opção do próprio indivíduo, ser precário ou desempregado seria voluntário e não sistêmico.

O precariado é um conjunto de bilhões de pessoas que perderam o controle sobre o seu tempo, sua ética e seu conhecimento. Sem controle do tempo, o precariado deve estar sempre disponível para o trabalho e nunca disponível para a política. Sem engajamento político, o precariado pode manter um envolvimento superficial, muito atraído pelo carisma e por campanhas de redes sociais. Essa situação representa um sério risco para a democracia. Por isso, o precariado, além de ser uma nova classe, é também uma classe perigosa.

A construção de uma “política de paraíso”, tema da última parte do livro, depende do desenvolvimento de uma agenda positiva pensada na perspectiva do precariado. Para isso, duas variáveis são valorizadas por Standing: a representatividade, como possibilidade de fazer política e agir coletivamente, e a segurança econômica, que permitiria ao precariado uma presença mais digna no mercado de trabalho global. Tanto permitir a agência do precariado, quanto lhe garantir segurança econômica pode ser decisivo para a democracia do mundo.

Por fim, não se entende o livro se não se conhece o eixo da atividade militante do autor: a renda básica. A partir de uma nova visão da economia e baseado no quadro atual do trabalho no mundo, o autor defende a renda básica como solução para muitos dos problemas que humanidade enfrenta atualmente, tendo inclusive ajudado a fundar a Basic Income Earth Network (BIEN), uma organização não governamental que luta pelo estabelecimento da renda básica no mundo.

Sem dúvida, trata-se de um livro-chave no debate atual sobre o mundo do trabalho, por se propor a descortinar um novo quadro do trabalho global e

por ligar essa realidade à onda de crescimento de partidos populistas e fascistas, muito embora existam poucas razões teóricas para se pensar no precariado como uma nova classe social. O autor descreve bem o significado do fenômeno do trabalho flexível, mas não adota essa categoria para explicar os desenvolvimentos recentes no mundo do trabalho. Certamente nos parece mais apropriado falar de um processo de precarização no quadro de um regime flexível de acumulação que se desenvolveu globalmente após a crise do regime fordista.

Texto submetido à Revista em 14.04.2019

Aceito para publicação em 16.07.2019